



## Crianças imigrantes e acolhimento em grupos de escuta: os mediadores terapêuticos no grupo

**María Antonieta Pezo del Pino**

**Resumo.** Se apresenta a experiência de acolher e atender, em grupos de escuta a crianças, filhos de imigrantes hispano-falantes, em um Centro de Integração do Migrante (CIM), na cidade de São Paulo. Os grupos de escuta primam por ter uma abordagem psicanalítica, que prioriza as produções singulares, intersubjetivas e o sentir e pensar do coletivo. Os grupos são coordenados por dois coterapeutas que oferecem uma escuta psicanalítica em atenção flutuante, promovem processos associativos e transfero-contratransferenciais. Utiliza no encontro terapêutico mediadores terapêuticos como o pictograma grupal, massinha, dramatizações e contos infantis. Os mediadores permitem surgir a palavra, favorecer processos de simbolização e apropriação subjetiva. De maneira semelhante ao uso do jogo do rabisco winnicottiano, eles facilitam o encontro e a comunicação de conteúdos que não tiveram acesso à representação ou à palavra.

**Palavras chave:** grupos de escuta; mediadores terapêuticos; crianças; filhos de imigrantes.

## Niños inmigrantes y acogida en grupos de escucha: los mediadores terapéuticos en el grupo

**Resumen.** Se presenta la experiencia de acoger y atender, en grupos de escucha a niños, hijos de inmigrantes hispano-hablantes, en un Centro de Integración del Migrante (CIM) en la ciudad de San Pablo. Los grupos de escucha priman por tener un abordaje psicoanalítico, que prioriza las producciones singulares, intersubjetivas y el sentir y pensar colectivo. Los grupos son coordinados por dos coterapeutas que ofrecen una escucha psicoanalítica en atención flotante, promueven procesos asociativos y transfero-contratransferenciales. Utiliza en el encuentro terapéutico mediadores terapéuticos, como el pictograma grupal, arcilla, dramatizaciones y cuentos infantiles. Los mediadores permiten surja la palabra, favorecen los procesos de simbolización y apropiación subjetiva. De manera semejante al uso del juego del garabato winnicottiano, facilitan el encuentro y la comunicación de contenidos que no tuvieron acceso a la representación o la palabra.

**Palabras clave:** grupos de escucha; mediadores terapêuticos; niños; hijos de inmigrantes.

## Immigrant children and reception in listening groups: therapeutic mediators in the group

**Abstract.** It shows the experience of welcoming and assisting, in listening groups for children, children of Spanish-speaking immigrants, in a Migrant Integration Centre (CIM), in the city of São Paulo. Listening groups excel in having a psychoanalytic approach, which prioritizes singular, intersubjective productions and the feeling and thinking of the collective. The groups are coordinated by two co-therapists who offer psychoanalytic listening in

---

\* Psicanalista e analista institucional. Pós-doutorado em Psicologia Clínica e Pesquisadora do Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Membro do Grupo Veredas: Psicanálise e Migração, São Paulo, SP, Brasil. E-mail : [mantonietapezo@gmail.com](mailto:mantonietapezo@gmail.com)

fluctuating attention, promoting associative and transfer-counter-transference processes. In the therapeutic meeting, it uses therapeutic mediators such as group pictograms, play dough, dramatizations and children's stories. Mediators allow the word to emerge, favouring processes of symbolization and subjective appropriation. In a similar way to the use of the Winnicottian squiggle game, they facilitate the encounter and communication of content that would not be accessible to representation or words.

**Keywords:** listening groups; therapeutic mediators; children; immigrant children.

### **Enfants d'immigrés et accueil dans les groupes d'écoute : médiateurs thérapeutiques dans le groupe**

**Résumé.** L'expérience d'accueil et de prise en charge d'enfants d'immigrés hispanophones dans un Centre d'Intégration de Migrants de la ville de San Pablo est présentée en groupes d'écoute. Les groupes d'écoute privilégient une approche psychanalytique, qui privilégie les productions singulières et intersubjectives ainsi que les sentiments et pensées collectifs. Les groupes sont coordonnés par deux co-thérapeutes qui proposent une écoute psychanalytique en attention flottante, favorisant les processus associatifs et transféro-contre-transférentiels. Utilisez des médiateurs thérapeutiques dans la rencontre thérapeutique, comme le pictogramme de groupe, l'argile, les mises en scène et les histoires pour enfants. Les médiateurs permettent à la parole d'émerger, favorisant les processus de symbolisation et d'appropriation subjective. À l'instar de l'utilisation du jeu de gribouillis (squiggle game) winnicottien, ils facilitent la rencontre et la communication de contenus qui n'avaient pas accès à la représentation ou aux mots.

**Mots-clés :** groupes d'écoute ; médiateurs thérapeutiques ; enfants ; enfants d'immigrés.

A figura do imigrante permite detectar as modalidades contemporâneas de laço social e seu trato com a alteridade e a produção de fronteiras ou *fronts* entre o eu e o outro, entre nações, culturas e as diferentes modalidades de existência que encontramos entre as sociedades humanas. (Debieux Rosa, M. 2023, p. 3)

### **Grupo Veredas: imigração e psicanálise (IPUSP) – Centro de Integração do Migrante (CIM)**

O Laboratório de Psicanálise Sociedade e Política do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP) e um dos seus braços o grupo *Veredas: imigração e psicanálise* (IPUSP), há vinte anos vem atuando como um espaço de intervenções clínico-políticas em abrigos, serviços da prefeitura e centros de convivência, entre outros, que atendem a população de refugiados e imigrantes. O grupo é composto por alunos, profissionais voluntários e pesquisadores (mestrandos, doutorandos, pós-doutorados) vinculados ao programa de pós-graduação e ao laboratório. O Grupo Veredas, trabalha com a população imigrante seguindo os princípios de uma abordagem ético-política e uma psicanálise implicada, atendendo individualmente, casais famílias, grupos e instituições. Se propõe “alcançar a experiência de sujeitos afetados diretamente por fatos sociais e políticos que levam à exclusão, segregação e consequente emigração ou exílio do país de origem e a busca de refúgio em país estrangeiro”.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> <https://www.veredaspsi.com.br/sobre/>

A clínica com imigrantes nos questiona sobre o lugar e a posição do psicanalista nesse tipo de atendimento, como escutar, cuidar e acompanhar a diversidade - línguas, regiões, etnias, idiomas - e as múltiplas situações vividas pelos imigrantes que consultam, que nem sempre vêm com um pedido exclusivamente terapêutico. Debieux (2016) destaca que a imigração “é um processo que articula motivações sociais, políticas, económicas e subjetivas” (Debieux, 2016, p.1), portanto, marcas desses processos estão sempre presentes nas consultas terapêuticas. A autora destaca que a imigração se dá em contextos sociopolíticos específicos, trazendo consigo uma diversidade de rupturas psíquicas, sociais e singulares, e afirma que:

Nesse contexto, aqueles que sofrem processos de violências, exclusão e abuso social e político em seu país, são instados à imigração forçada com expectativa de sobrevivência e/ou uma vida digna em outro lugar. Aos deslocamentos forçados, somam-se outros sofrimentos sociopolíticos produzidos na travessia e na chegada a países onde não são bem-vindos. Tais circunstâncias podem gerar processos subjetivos de desterritorialização e desamparo discursivo (Rosa, 2023, p.1).

Em março de 2018, o nosso grupo recebeu o pedido do CIM - Centro de Integração do Migrante - para atender o sofrimento psíquico dos imigrantes que frequentavam a Instituição, em sua maioria hispano-falantes (bolivianos, peruanos, venezuelanos, paraguaios, colombianos). Como pesquisadoras de pós-doutorado do Laboratório de Psicanálise Sociedade e Política e membro do grupo Veredas ficamos responsáveis pelo atendimento psicológico na instituição. Estabelecemos um dia para consultas terapêuticas e oferecemos grupos de escuta a adolescentes, crianças e adultos. Como atividade de formação dos profissionais voluntários e estagiários do grupo Veredas que atendem os grupos de crianças, adolescentes e adultos, realizamos o acompanhamento dos trabalhos grupais com discussão de textos sobre o trabalho com grupos, mediadores terapêuticos e supervisão dos atendimentos realizados na instituição.

O acolhimento dos imigrantes era realizado uma vez por semana, intervenção que requer uma escuta implicada. Diversas são as demandas de quem consulta, mas o fundamental é verificar o que aflige o migrante naquele momento. Em geral, as pessoas que consultam nunca tiveram a experiência de um atendimento psicológico, algumas buscam uma “solução mágica” como o “retorno do amor que abandonou”, ou, lidar com algum familiar em sofrimento.

Verificamos que os relatos traziam experiências de sofrimentos anteriores à chegada ao Brasil, não sendo explícita uma demanda vinculada ao fato de serem imigrantes (não adaptação ao país de acolhida, estranhamento com os novos costumes), como inicialmente tínhamos pensado. Muitos pediam para voltar para uma nova consulta, outros apesar de marcar nova consulta não retornavam, e alguns permaneceram sendo atendidos durante períodos longos. A adesão ao atendimento, em geral, depende de diversos fatores, como: disponibilidade psíquica para trabalhar suas questões e o reconhecimento da necessidade do cuidado. Verificamos alguns fatores impeditivos, concretos para sequência dos atendimentos, como as condições laborais ou mudanças de endereço. Em geral, as pessoas, naquelas condições, têm cargas horárias de trabalho muito grandes, e são impedidas de se ausentar do local de trabalho para um atendimento psicológico. Outra característica observada na população atendida é a frequência de mudanças de endereço de residência e/ou de trabalho. Apesar das dificuldades apontadas, conseguimos que algumas pessoas, grupos, casais e famílias fossem atendidas ao longo desses anos.

Comentado [O2]: deixar em presente

Comentado [O3R2]:

Uma quebra na rotina dos atendimentos presenciais aconteceu durante o período de pandemia. No entanto, nosso coletivo, o Veredas, ofereceu atendimentos on-line individuais e grupais. Oferecemos oportunidades de atendimentos à grupos com mulheres e adolescentes para os frequentadores que iam presencialmente buscar cestas básicas. Nesse contexto, foi possível detectar algumas dificuldades, como: o acesso à internet e falta de espaço privado para poder falar. Em decorrência dessas dificuldades, notamos que alguns adolescentes só conseguiam se comunicar via mensagem de texto. Nos grupos com mulheres, o dispositivo facilitou ou permitiu que entrássemos em suas casas e conhecêssemos um pouco da intimidade das relações. Durante as consultas, algumas participavam com seus gatos, com os filhos ao seu lado, às vezes, chorando e algumas vezes se sentiram obrigadas a sair um momento para cuidar dessas crianças. E, quando começaram a receber pedidos de trabalho (costura) uma delas participava das reuniões on-line com o celular ao lado da máquina de costura em quanto fechava algumas peças. Os grupos durante a pandemia foram muito importantes para essas pessoas, já que permitiram a escuta e compartilhamento dos medos da morte e do contágio, e puderam também falar de suas grandes perdas.

No retorno as atividades presenciais, em 2022 houve algumas mudanças, a principal foi com relação a estrutura física institucional, a mudança para um espaço maior, um pequeno prédio, de três andares, com pátio, com várias salas, incluindo uma específica para atender os grupos de crianças. Em decorrência disso, aumentou o número de crianças atendidas pela instituição no “entre turno” escolar, com atividades socioeducativas, recreativas (música, teatro, inglês) e um lanche no intervalo, nos períodos da manhã e da tarde.

A grande circulação de crianças fez com que muitas delas buscassem atendimento psicológico. Os grupos de crianças que frequentam o CIM são compostos por filhos de imigrantes, nascidos no Brasil e alguns recém chegados dos países de origem (Bolívia, Peru, Paraguai, Venezuela). As crianças estão acostumadas a ouvir em casa os idiomas: castelhano, quéchua, guarani ou aimara, no entanto, elas aparentam não falar a língua da origem familiar. Pensamos que esse elemento se deve ao fato de que as creches ou escolinhas orientam os pais a falar só em português com seus filhos. Esta determinação produz uma “obediência” ou “mandato de não falar a própria língua” com os filhos. Proibição que leva a muitos pais diminuir o contato verbal com seus filhos, e sobretudo a não transmitirem as “palavras” banhadas de ritmo, musicalidade, afeto, junto as reminiscências da vida, as memórias afetivas, transmitidas pelas palavras, entre gerações.

Apesar dessa situação, algumas crianças que frequentaram os grupos e só falavam castelhano, em geral eram crianças que acabaram de chegar, viviam com os avós e estavam afastadas do convívio com os pais. Crianças em processo de aprendizado e adaptação à nova realidade da nova configuração familiar (irmãos que não conheciam) e ao país que as acolhe. Quando frequentam o grupo observamos que as crianças que “aparentavam” não falar castelhano, se oferecem como interpretes e ficam muito felizes quando os coordenadores dos grupos os entendem ou falam com eles algumas palavras em castelhano, quebrando assim aquele mandato de não falar a própria língua.

No CIM, criamos um espaço de consultas terapêuticas e atendimento vincular com casais, famílias e grupos de escuta com adolescentes, crianças e adultos. Ambos os dispositivos, o individual e o vincular, caracterizam-se por se basearem em conceitos psicanalíticos trabalhados por autores como Winnicott, Kaës e Roussillon. Os autores reconhecem o espaço terapêutico como lúdico, um espaço criado-encontrado e de encontro de subjetividades. E, por ser uma clínica implicada marcada por sofrimento sócio-político proposta por Debieux Rosa,

que menciona ser um trabalho nas fronteiras ou “*fronts*” “entre o eu e o outro, entre nações, culturas e as diferentes modalidades de existência que encontramos entre as sociedades humanas” (Debieux Rosa, 2023, p. 6). Ou, na linguagem de Kaës e Winnicott um trabalho no espaço intermediário, onde é possível criar, nutrir, ressignificar, experimentar afetos, sentimentos, pensamentos.

Imigrar não é a escolha da criança, mas as marcas da imigração, os afetos deixados, colocados em suspenso no país de origem dos pais são vivências marcantes, às vezes, renegados, ora com amor, ora com tristeza. Capturar os sentidos da imigração dos pais, daquilo que deixaram, os valores, os amores são experiências de construção da identidade, do sentimento de pertencimento. Valorizar a cultura do país de origem dos pais é fundamental na apropriação e subjetivação da identidade, se sentem brasileiros e/ou estrangeiros. O CIM é uma instituição que valoriza esse cuidado quando realiza encontros para integrar a comunidade, celebrar as festas típicas da Bolívia, da Venezuela, do Paraguai, entre outros. Essas vivências são essenciais para a integração e valorização das origens. As crianças nos grupos de escuta encontram esse espaço de reconhecimento e de cuidado, podem falar aquilo que é difícil de ser dito, compartilhar com o outro (s) sentimentos, medos, próprios e alheios.

A proposta de acolher os imigrantes que buscam o serviço de atendimento psicológico teve como fundamento as consultas terapêuticas winnicottiana. O essencial na proposta de Winnicott é que na consulta haja uma comunicação profunda e a liberdade no intercâmbio. A consulta terapêutica pode se dar como um encontro único ou ser o primeiro de muitos outros encontros. De maneira semelhante a consulta terapêutica proposta por Winnicott, as consultas oferecidas no CIM se diferenciam de uma psicanálise que se dá como um espaço terapêutico sem limite de tempo. Acostumamos perguntar a quem consulta, quando gostaria de voltar. Indicando o dia que costumamos estar na instituição, e que esse retorno pode ser em uma semana, em quinze dias ou um mês. Assim o enquadre vai sendo construído no encontro com o outro, sem estar pautado por uma proposta vinda do terapeuta. Muitos falam que gostariam voltar a semana que vem, outros, daqui a um mês. Quando recebemos um casal ou uma família a pergunta é a mesma. E, quando iniciamos um grupo de escuta, as crianças são informadas do tempo de duração do grupo e quando finalizaremos o processo.

Os atendimentos realizados se sustentam clinicamente em alguns princípios. O primeiro, é que tem como modelo a consulta terapêutica de Winnicott, com o uso do jogo do rabisco. Modelo que ampliamos para o atendimento vincular, com casais, famílias e grupos com o uso de mediadores terapêuticos. O segundo, é que consideramos que o jogo do rabisco é um precursor que inspira clínica e teoricamente o uso dos mediadores terapêuticos, e a maneira como Roussillon (2005) entende a conversa psicanalítica como um “jogo do rabisco verbal”. O terceiro, é que a escuta grupal reconhece como norteadores do trabalho, os princípios propostos por Kaës, sendo um deles que o grupo permita o acesso a processos e formações psíquicas inconscientes de três espaços: o intrapsíquico, o grupal e o intersubjetivo. As cadeias associativas grupais são um eixo fundamental do trabalho, portanto, é necessário prestar atenção as cadeias associativas grupais produzidas, seja pela via mimico-gestual, de rabisco para desenho, de desenho para palavra, de palavra para palavra, de palavra para relato, sonho e histórias compartilhadas no encontro grupal. E, o quarto, é que a escuta psicanalítica tem como princípio favorecer que processos e formações psíquicas semelhantes as descritas nas consultas terapêuticas, as conversas psicanalíticas possam surgir e ser significadas no encontro com o outro (s).

## As consultas terapêuticas – O jogo do Rabisco (*squiggle game*)

A consulta terapêutica é um dispositivo psicanalítico criado por Winnicott para tratar crianças num hospital psiquiátrico nos anos 40 e 50, nessas consultas é introduzido o jogo do rabisco, como um mediador da comunicação. Nesses encontros, o analista acolhe o paciente em uma escuta que pode ocorrer em um, dois ou três encontros espaçados, de acordo com a necessidade e disponibilidade do paciente. Winnicott (1965) afirma que, se uma pessoa é ajudada em uma ou três visitas ao psicanalista “isso amplia imensamente o valor social do analista” (Winnicott, 1965/1994, p. 244). Com esta frase enigmática, parece-nos que ele postula o valor de um psicanalista disposto a escutar, em consultas terapêuticas, um grande número de pessoas. Winnicott (1971), ao introduzir este modelo, nos diz que este tipo de trabalho tem “uma importância que a psicanálise não possui, ao satisfazer a necessidade e a pressão social na clínica” (Winnicott, 1971/1984, p. 10).

Na consulta terapêutica, Winnicott introduz o uso do *squiggle game* ou jogo do rabisco, brincadeira que facilita, que ambos, paciente e terapeuta, se comuniquem ludicamente, criando, produzindo conjuntamente rabiscos, desenhos, histórias em busca de novos sentidos, em um vai e vem de trocas, brincadeiras, associações lúdicas, gráficas e verbais. O terapeuta de olhos fechados realiza um rabisco e convida o paciente a completar o rabisco com um desenho, logo o paciente é convidado a realizar outro rabisco, para o terapeuta completar com outro desenho. Nesse “vai e vem” de rabiscos e desenhos ambos compartilham associações, sentimentos, sonhos, lembranças. Ambos, terapeuta e paciente, ao brincar de transformar rabiscos em desenhos, transformam sentidos, conteúdos numa sequência psíquica associativa e co-associativa. A interpretação surge das transformações que ambos realizam, enfatizando o processo reflexivo inerente a este estilo de trabalho.

Winnicott, com o modelo do trabalho do *squiggle game*, mostra que os processos de associar livremente e estar em atenção fluente se dão de forma entrelaçada, e observa que paciente e analista produzem processos co-associativos. O *squiggle game* se apropria da sua herança freudiana e dá valor à relação entre o “visual e o verbal”, entre a “experiência e a representação”, “o histórico e o teórico”, estabelecendo linhas de conexão entre esses aspectos (Farley por Abram, 2012, p. 419). Widlöcher (2006/2012) destaca dois tipos de transformações: uma construção de uma fantasia construída na experiência interpessoal e o desenvolvimento dessas fantasias a serviço de construções e elaborações do ego e de uma apropriação subjetiva, ou, em outras palavras, para que ela possa acontecer, é importante que “aquilo” que surge seja “encontrado-criado” (Pezo, 2015, p. 133)

Roussillon (2005) se inspira no modelo do jogo do rabisco para descrever a “conversa psicanalítica”. O analisando propõe uma “forma” ou “enunciado” que o analista, por sua vez, transforma em outra “forma” aquilo que foi produzido e nesse movimento vai se produzindo a conversa psicanalítica. Ambos processos teriam em comum o uso da psicanálise, sem serem psicanálise propriamente dita. Outro aspecto fundamental da conversa psicanalítica é a associação livre, que na maioria dos casos, ocorre no final de um processo psicanalítico. Quando num processo mais elaborado, o paciente utiliza a associação com uma função de ramificação, traz elementos da sua vida, liga-os a algumas questões, procura organizar e encontrar um significado, e que o analista o reconheça. A intervenção produz efeitos de co-excitação e co-subjetivação. A escuta psicanalítica proposta nos encontros faz uso deste

modelo de intervenção. O autor denomina esse tipo de conversa como um “*jogo do rabisco verbal*”. (Roussillon, 2005, p.378-9).

### Os mediadores terapêuticos

Os mediadores terapêuticos são dispositivos utilizados nos grupos de escuta com grupos, famílias e casais. O desenho, o conto, as fotos, as dramatizações são objetos mediadores utilizados para facilitar a comunicação de conteúdos psíquicos que, muitas vezes, não acedem a representação, vivências corporais, sem registro. Os mediadores terapêuticos oferecidos no encontro vincular permitem comunicar os interesses vivências, sentimentos, sensações, medos, preocupações, dores e contribuem para criar um espaço de acolhimento lúdico com adultos que interagem e brincam. Esse espaço de brincar está caracterizado por estimular a criatividade, graças ao contato com o mediador terapêutico, os colegas e os coordenadores que apresentam o material e buscam associar livremente. Nos interessa que os membros se envolvam na criação de um espaço lúdico de produção de dizeres, entredizeres, fazeres facilitados pelo uso dos mediadores terapêuticos como o pictograma grupal, os contos, as dramatizações, a colagem, a argila, entre outros.

Roussillon (2013) afirma que a matéria psíquica se caracteriza pela hipercomplexidade, multiperspectividade, multipulsionalidade e têm como princípio uma amálgama enigmática entre dentro/fora, eu/não-eu, acrescenta que a matéria psíquica não é atingível imediatamente. Todo processo psíquico passa necessariamente pela mediação do *meio* ou *médium*<sup>2</sup> e do tempo, e é graças à transferência que a matéria psíquica pode ganhar alguma forma. Ressalta a necessidade de os pensamentos poderem ser pensados para ocorrer uma apropriação subjetiva, sendo pré-condição, poder ser projetados e ganhar materialidade. As mediações terapêuticas se propõem e permitem que esse processo possa ocorrer, sobretudo quando se trabalha em certas condições ou com algumas patologias. Sobre as mediações terapêuticas afirma a necessidade de dispor de uma metapsicologia específica e ir mais além da intuição, quando se utilizam destas.

Roussillon (2013) propõe a necessidade de dispor de uma metapsicologia dos dispositivos de mediação terapêutica e ir mais além da intuição. Quando se utilizam dispositivos-enquadres com mediadores terapêuticos, como a expressão com desenhos, material plástico ou de modelagem, contos, eles se caracterizam pela plasticidade, criatividade e possibilidade de transformação. Considera-se necessário, uma teoria geral da mediação e de seu lugar no processo de simbolização primária. Os *médiuns* possuem propriedades sensoriais que precisam ser transformadas em formas de linguagem compartilhadas no grupo. É fundamental realizar um trabalho de simbolização, de apropriação subjetiva e integração das experiências subjetivas, tarefa realizada de maneira conjunta no encontro vincular viabilizado pelas cadeias associativas grupais. Roussillon sublinha sobre o modelo da maleabilidade do psiquismo, afirma que: “O pensamento, a atividade representativa tem necessidade de uma matéria plástica, maleável, para operar e serem eles mesmos representados e pensados em seus processos” (Roussillon, 2013, p. 43)

<sup>2</sup> Utiliza-se a palavra “meio ou médium” para fazer referência ao conceito trabalhado por Roussillon que faz uma leitura do conceito introduzido por Marion Milner em 1955/1969, onde médium maleável é conceituado como uma “substância intermediária através da qual se transferem impressões aos sentidos (p.862)” (Roussillon, 1991/1995, p, 146). Uma característica do “médium maleável é a indestrutibilidade, a maleabilidade, sensibilidade, a capacidade de transformação, o caráter vivo. Roussillon considera que ele é o “objeto transicional do processo de representação”.

Roussillon (2010) descreve algumas características específicas dos espaços e dos dispositivos mediadores, entre os que se destacam: 1. A escolha do *meio*. 2. Cada mediador privilegia uma maneira de relação específica. 3. Desde o início e no transcurso do seu uso, ele deve trazer a possibilidade de simbolizar a simbolização. 4. Outra condição prévia a respeito da regra é o direito à "utilização livre" do meio para simbolizar. 5. Esta "livre utilização" supõe uma maleabilidade, ou certa "transformabilidade" do meio proposto. 6. O animador que apresenta o dispositivo deve garantir a possibilidade simbolizante do meio, as intervenções não têm como objetivo interpretar, apenas otimizar a utilização do meio e do dispositivo. 7. Cada meio tem suas propriedades e suas limitações, elas definem aquilo que é simbolizável ou não (simbolização da ausência ou limite da simbolização). 8. Há uma maleabilidade específica do meio, sua destrutividade, sensibilidade, capacidade de transformação, entre outros. 9. O material, o meio são possível de ser vinculado através de processos de indução ou de "associatividade focal" de maneira semelhante à utilizada por Freud nos primórdios; há um trabalho de associatividade e co-associatividade da cadeia associada e do objeto indutor, onde duas áreas de jogo se superpõem, sendo o modelo do jogo do rabisco ou *squiggle game*, um modelo onde se alterna a proposta de um com a do outro.

Brun (2007/2009) propõe que as mediações terapêuticas ofereçam um interesse particular, já que permitem que as crianças possam acender a processos de simbolização a partir do sensorial. O enquadre-dispositivo proposto pela autora consiste realizar um trabalho de figuração individual com as crianças em grupos. As crianças autistas e psicóticas, sujeitos da sua pesquisa, são caracterizadas por um predomínio do registro sensório-motor, extrema dificuldade para simbolizar e destrutividade. A autora busca provar que contrariamente ao esperado, justamente, é a partir do sensório-motriz que pode se ativar uma dinâmica de simbolização, e também "a partir da materialidade do médium maleável, que desempenha um papel primordial neste acesso a simbolização" (Brun, 2007/2009, p.29). Outro aspecto abordado como segunda hipótese é que o encontro com a materialidade do enquadre e dos materiais disponíveis é possível reativar experiências primitivas do tipo do derrubamento, aquelas "que jamais tinham podido ser convertidas em imagens ou em palavras. A autora considera que isto é possível graças ao material e à manipulação do mediador. O trabalho de figuração acrescenta, só é possível graças à mobilização transferencial, entre as crianças, entre as crianças e o terapeuta, entre as crianças e o grupo e entre as crianças e o objeto mediador. O impensável, o irrepresentável é possível surgir e encontrar um significado graças ao vínculo transferencial (Brun, 2007/2009, p. 29-30).

Brun (2013) define três condições próprias do enquadre-dispositivo que utiliza mediações terapêuticas em situação individual ou grupal: 1. Abordagem da materialidade de um objeto mediador utilizado como "material de simbolização"; 2. Consideração pelas associações verbais dos pacientes, quando isto é possível, e as cadeias associativas grupais; 3. Em seguida o médium materializado é utilizado como um laço de articulação das transferências e contra-transferências, como suporte sensorial dos laços transfero-contra-transferências, a interpretação do terapeuta, que coloca em jogo a própria sensório-motricidade e sensorialidade da linguagem (Brun, 2013, p.95).

Chouvier (2013) aborda a função psíquica do objeto mediador. A materialidade do objeto mediador facilita desenvolver processos de simbolização. O objeto mediador mobiliza a "criatividade, individual ou grupal", porém, não pode ser concebido sem evocar a verbalização que permita encontrar sentidos significantes. Brun (2010) comenta que as produções não servem para ser expostas, já que a "mediação se torna o suporte dos laços transferência-contra-



transferenciais”. A tarefa com o objeto mediador é examinar a “interação entre a verbalização associativa, o vínculo transferencial e o registro sensório-perceptivo-motor presente na utilização da mediação artística” (Brun, 2010, p. 67).

O mediador terapêutico facilitaria a passagem de traço perceptivo ao traço representável. No registro do originário, categoria abordada por P. Aulagnier, a atividade psíquica passaria da formação (do não figurável próprio do originário) a colocar em cena (registro primário) e a significação (registro do secundário). O fundo representativo originário é excluído do conhecimento, mas não é irrepresentável, ele pode ser sempre reativado. O pictograma grupal, objeto de estudo desta pesquisa reativaria esses conteúdos excluídos da consciência, por motivos diversos. Quando se utiliza como enquadre o dispositivo grupal, os sujeitos no grupo captam elementos pré-conscientes, potencialmente ativados pela multiplicidade, a intersubjetividade e a polifonia discursiva. Embora o pictograma, de acordo com Aulagnier seja próprio do originário e, por tanto, constituinte do sujeito singular, quando se está em grupo, e se utiliza mediações terapêuticas, como o pictograma grupal, esses registros parecem ser acessados com maior facilidade.

### **Os mediadores terapêuticos nos grupos de crianças**

O jogo do rabisco introduzido por Winnicott antecede a construção teórico-clínica do uso dos mediadores terapêuticos e marca uma condição fundamental que é utilizar o mediador como facilitador da comunicação, em busca de simbolizar, encontrar significados, sentidos e uma apropriação subjetiva do vivido. Winnicott mostra um trabalho de construção conjunta de processos associativos realizados no encontro transfero-contra-transferencial.

O pictograma grupal é um mediador terapêutico que consiste na produção pictográfica conjunta, que articula traços e desenhos singulares com aquilo produzido conjuntamente, graças à processos associativos e intersubjetivos, que permite simultaneamente intermediar o intrapsíquico com o intersubjetivo e o grupal, a realidade psíquica individual com a realidade compartilhada. Inspirada na proposta winnicottiana da consulta terapêutica e no jogo do rabisco, a autora constrói o mediador terapêutico denominado pictograma grupal, que utilizado no encontro vincular permite se apropriar subjetivamente daquilo que é próprio e o que é compartilhado, aceder a uma comunicação significativa, do dizer, entredizer, reconhecer e refletir sobre o que pensam, sentem e o que os faz agir de uma determinada maneira, causando mal-estar ou sofrimento.

No encontro vincular, com famílias, casais e grupos de escuta utilizamos o pictograma grupal. Nele, os membros são convidados para desenhar juntos em uma mesma folha de papel. Utilizamos folhas tamanho A2 devido a ser suficientemente grande para caber as produções do grupo e recomendamos o uso de giz de cera devido as marcas e cores serem mais nítidas, identificadas com mais facilidade do que as de um lápis de cor. Em outros encontros pode se oferecer, além de giz de cera, papeis coloridos, tecidos e cola para compor colagens. Ofertar um único papel permite compartilhar em um mesmo espaço, a construção e co-construção de desenhos, pictogramas, de maneira semelhante ao jogo do rabisco de Winnicott (1953).

Para Winnicott (1953) se trata, de uma “espécie de técnica projetiva” onde terapeuta e criança brincam de fazer rabiscos e convertê-los em desenhos, e produzir associações conjuntas em um vai e vem de produções, onde aquilo que é “meu”, se transforma em outra coisa, que não é mais “meu”, nem “teu”. Inspirados nessa brincadeira a criação do pictograma grupal segue os mesmos princípios, só que no lugar de duas pessoas juntas construir desenhos e

sentidos, os membros de um grupo ou de uma família desenham juntos, e com a ajuda dos coordenadores buscam sentidos. Enquanto produzem os desenhos, sejam individuais e/ou em conjunto - as crianças são convidadas a associar sobre seus desenhos, lembranças, criar histórias e falar sobre o que inspira a realizar o desenho próprio ou do companheiro.

As cadeias associativas grupais que se produzem no encontro não são só de palavras, mas de desenhos e gestos. Em uma experiência, uma criança que tinha desenhado uma casinha com uma criança na janela diz: *“essa criança não sai de casa, porque tem medo desse cachorro”*. O cachorro desenhado ao lado de uma árvore estava do lado daquela casinha, e tinha sido produção de uma outra criança. Esse encontro mostrou a maneira como se produzem associações de desenho para desenho e que a construção conjunta facilita a apropriação subjetiva e o compartilhamento de sentimentos, como o medo.

Geralmente, o pictograma é um dos mediadores que ofertamos nos primeiros encontros, ele também, funciona como disparador do uso de outros objetos mediadores como dramatizar aquilo que surgiu no desenho, moldar objetos em argila ou massinha, dramatizar ou contar histórias. O fundamental na abordagem é que os terapeutas estejam atentos as cadeias associativas produzidas com um desenho, uma palavra, um objeto, um gesto. Quando o terapeuta se implica na brincadeira favorece o processo criativo exige simultaneamente estar atento aos processos transfero-contra-transferências e a construção de cadeias associativas grupais. Será necessário, em alguns momentos intervenções sob a forma de uma brincadeira, uma pergunta, um rabisco, ou desenho, uma palavra, ou palavras que possam abrir para o encontro com algo novo, transformar e levar para outros caminhos ou sentidos. Os coordenadores do grupo precisam estar atentos aos processos singulares e intersubjetivos, as interações e vivências compartilhadas conjuntamente.

Dramatizar uma situação trazida por algum dos membros, pode se tornar uma ferramenta muito rica em algumas sessões quando as crianças conseguem mostrar com o corpo, com os gestos, ou palavras, aquilo que não pode ser dito, que dói, que inquieta. Os coordenadores podem propor com uma frase *“que tal mostrar isto, como se fosse um teatrinho”*. Outro mediador utilizado são os contos infantis, os coordenadores trazem um conto infantil e contam para as crianças e quando acabam se estimula a participação com perguntas como: *“pode ter outro final”*, *“o que mudaríamos do conto”* *“e o que mais poderia acontecer”*. Também oferecer vamos desenhar ou fazer um teatrinho sobre o conto. O essencial é promover associações e transformações ao conto. Em outra sessão as crianças são convidadas a construir juntas um conto.

As atividades lúdicas oferecidas como mediadores terapêuticos no encontro dos grupos de escuta são diferentes de outros grupos socioeducativos devido a valorizar os processos associativos e de simbolização. A essência da abordagem com mediadores terapêuticos é priorizar a escuta das cadeias associativas grupais, os processos de atenção flutuante-associação livre e os vínculos transfero-contra-transferenciais, com os coordenadores, entre os membros, com objeto mediador e com a instituição que acolhe os grupos, nesse encontro intersubjetivo com o outro (s) e o com o grupo. Na supervisão é importante prestar atenção aos processos de intertransferência entre os coordenadores.

Quando se utiliza o desenho como mediador terapêutico, algumas categorias e passagens precisam ser estudadas, como: de que maneira se passa do sensorial ao figurável e, a utilidade de conceitos como da simbolização primária elaborado por R. Roussillon. De acordo com Brun (2007/2009), uma característica do mediador é desencadear um processo de *“re-atualização de experiências somato-psíquicas impensáveis”* do tipo de agonias primitivas. A experiência que

Winnicott (1974) mostra é catastrófica, já que nunca poderá ser representada ou figurada, são experiências que, necessariamente, precisam ser abordadas na transferência. De acordo com Roussillon (2003), os traços perceptivos seriam reativados pela atividade da mediação, sendo a primeira memória perceptiva.

### Os grupos de escuta com crianças

Denominamos grupos de escuta ao dispositivo grupal que tem como tarefa primordial uma escuta psicanalítica, própria da consulta terapêutica, onde terapeuta e paciente se comunicam e trocam conteúdos e vivências criando ou buscando sentidos e significados aos conteúdos manifestados. No grupo de escuta é fundamental os membros do grupo compartilharem vivências, sentimentos, dificuldades cotidianas e que os coordenadores-terapeutas possam atribuir um sentido e buscar os significados para o sujeito, os membros do vínculo e o grupo. De maneira semelhante a consulta terapêutica, que Winnicott introduz o jogo do rabisco, no grupo utilizamos alguns mediadores terapêuticos que facilitam a comunicação singular e o compartilhamento grupal.

Consideramos que o trabalho grupal tem funções psicoprofiláticas e preventivas devido a ser espaços de fala-escuta, onde em um vai e vem de vivências, sentimentos, co-compartilham e valorizam as experiências de cada um, do outro (s), do alheio e de todos. É fundamental a possibilidade de reconhecer na vivência alheia aquilo que pode ser também “meu” e que surge quando o outro enuncia e posso reconhecer algo meu. A violência intrafamiliar pode ser contida, cuidada no momento em que uma criança pode contar o que lhe acontece, e outra ao ouvir pode sentir-se amparada para também falar que alguma vez algo semelhante lhe aconteceu, e juntos os membros do grupo podem dramatizar o “julgamento do pai” que agride em casa. A diferença de um grupo psicoterapêutico, é que nele os membros do grupo não participam, necessariamente, devido a uma “demanda de análise”, devido a um sofrimento psíquico ou algum tipo de patologia (neuroses, fobia, depressão, espectro autista, esquizofrenia, TDAH, entre outros), como acontece quando nas instituições de saúde mental utilizamos o grupo psicoterapêutico.

Em geral, os pais buscam que seus filhos participem dos grupos de escuta por entenderem que podem beneficiar-se do encontro com um profissional “*Psi*” e falar sobre aquilo que talvez eles próprios não consigam falar com seus filhos devido as próprias dificuldades. Os pais inscrevem seus filhos para os grupos de escuta e, algumas vezes, algum membro da instituição encaminha ou sugere que uma criança se beneficiaria do grupo devido a perceber algumas dificuldades como sofrimento familiar, inibição, mudanças de comportamento observadas no espaço das atividades socioeducativas. Outras vezes, são as próprias mães que frequentam outras atividades oferecidas nos espaços da instituição (aula de culinária, artesanato, português) que compartilham entre elas a experiência dos filhos atendidos e solicitam o atendimento.

Uma tarefa importante antes de criarmos um grupo de escuta terapêutico, é a seleção e o agrupamento das crianças com tempo limitado ou sem limite de tempo. A seleção e o agrupamento asseguram o andamento do trabalho grupal e quando trabalhamos com crianças é fundamental darmos atenção à alguns critérios. A seleção deverá obedecer a finalidade do grupo se ele é terapêutico, reflexivo ou de escuta. A seleção de crianças com a mesma problemática é denominada grupo homogêneo (crianças vítimas de violência, agressivas, diabéticas, imigrantes, entre outros). Outra forma de agrupar é o grupo heterogêneo composto por crianças

com diversas características ou patologias (espectro autista, neuróticos, neurótico grave, déficit de atenção, entre outros).

Nossa primeira experiência com grupo terapêutico de crianças, em idade de latência em uma instituição foi na década de 1970, com um grupo selecionado homoganeamente, pelo mesmo sintoma, eram crianças consideradas muito inibidas. O processo grupal, a utilização dos brinquedos e do terapeuta foi lenta e em função dessa experiência os seguintes grupos que coordenávamos foram heterogêneos quanto as caracterizações, buscando um balanço entre elas (inibidas-agitadas).

No grupo de escuta as crianças são selecionadas de acordo com o período escolar e a faixa etária. Não é recomendável que o horário coincida com o da frequência escolar, e que a diferença de idade entre eles, seja maior que dois anos. Uma distância maior pode dificultar a dinâmica grupal já que os interesses e temáticas na infância são muito diferentes. Embora seja ideal não agrupar crianças que se conheçam, quando montamos um grupo terapêutico, no momento de selecionar as crianças imigrantes, detectamos que entre eles existem vínculos fora o grupo. Como se trata de uma comunidade de imigrantes, que vivem no mesmo bairro, muitas vezes são vizinhos, realizam atividades juntos e/ou os pais frequentam os mesmos espaços. Estar atentos aos efeitos que essa situação traz é uma função e parte do nosso cuidado.

Em um dos grupos de escuta de mulheres presencial, o conhecimento e convívio prévio ao grupo inviabilizou prosseguir com o atendimento grupal. Os silêncios no grupo eram notórios, e mesmo convidadas a falar sobre as associações aos desenhos realizados, as falas eram curtas, sem se permitir aprofundar. Descobrimos que uma das frequentadoras era dona da oficina onde duas outras colegas do grupo trabalhavam.

Os coordenadores dos grupos são estagiários universitários que tem interesse em trabalhar com grupos, mediadores terapêuticos e com imigrantes. O grupo Veredas, psicanálise e imigração, conta com a parceria de duas universidades a Universidade Presbiteriana Mackenzie e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Os docentes parceiros enviam os alunos para atender grupos e como contrapartida eles recebem supervisão e acompanhamento do trabalho realizado.

O trabalho grupal funciona com a modalidade de co-coordenação, em geral são dois coordenadores em cada grupo, alguns grupos contam com um terceiro coordenador que atua como um observador participante. Essa modalidade permite do lado do aluno-estagiário se sentir escorado<sup>3</sup> pelo colega, acompanhado por um co-pensador, que não só pensa junto, como mostra como é mobilizado e atua de maneira cooperativa e proativa. Na falta de uma “palavra” ou um “sentimento” o colega capta e age de maneira a combinar falas, sentimentos, pensamentos. Do lado das crianças, detectamos que elas se enriquecem com a presença de dois adultos diferentes, que lhes ofereçam modelos distintos de identificação. Nos inícios da nossa atividade profissional considerávamos essencial compor pares de co-coordenadores de sexos diferentes, já que trabalhávamos com crianças órfãs e abandonadas e muitos autores sugeriam o valor de ter um casal, uma figura materna e outra paterna. Hoje, esse critério não é mais importante, já que a questão do gênero não passa pelo gênero do terapeuta, como pela disponibilidade e a diferença imposta pelos diversos corpos. Ser acolhedor, maternal ou introduzir a lei não depende do gênero.

---

<sup>3</sup> Escorar é o verbo utilizado para tradução da palavra alemã *Anlehnung* traduzida usualmente como apoio no português, *anaclisis* no inglês, *étayage* em francês e que nos traduzimos como escoramento, seguindo o trabalho do conceito realizado por Kaës (1984)

No último semestre, tivemos um grupo com três estagiários homens que coordenaram um grupo, o que permitiu que as crianças pudessem identificar-se com modalidades distintas de ser homem, com presenças masculinas, acolhedoras, lúdicas que escutavam e brincavam com eles. O sentimento da “vergonha” de algumas meninas a falar com um “homem” pode ir sendo abordado como uma questão do imaginário sociocultural.

### **A consulta terapêutica**

O modelo da consulta terapêutica, caracterizado por uma escuta pontual às vezes com tempo limitado e focado naquilo que se traz, nós estendemos na abordagem vincular com casais, famílias e grupos.

Em uma consulta com uma família de venezuelanos, que procurou atendimento porque o filho, David, não estava se sentindo bem na escola, não interagia com ninguém e a família sentia que ele está mais “apagado”, quando convidamos para falar, o menino, traz a sensação de angústia, que localiza no corpo, como uma sensação de aperto no pescoço, num tipo de comunicação mimico-gestual. Ele fala “*sinto assim algo assim como uma tristeza aqui*” (mostrando o corpo). Nesse momento, os pais relatam como saíram da Venezuela, os sonhos interrompidos nos últimos anos de empobrecimento, a falta de trabalho, as mudanças de casa na Venezuela e as dificuldades encontradas no Brasil desde que chegaram - o pai veio 9 meses antes para se estabelecer, e a oficina onde trabalhava foi fechada devido a denúncias de trabalho escravo, teve que buscar refúgio num abrigo e ir atrás de novo emprego e adiar o ansiado reencontro familiar. Foi a fala de David que fez possível, eles trazerem as vivências da angústia ante o novo, a tristeza de ter deixado os seus entes queridos e o medo do futuro no país que os acolhia.

Em outras sessões, eles puderam desenhar juntos e o tema que trouxeram foi a casa e as casas onde moravam na Venezuela, talvez, para mostrar quanto perderam, já que no momento da consulta moravam os três em um quarto de um hotel. O pai diz: “*Até morar na casa da sogra foi melhor do que agora nós vivemos, la tínhamos como trabalhar na costura, e cada um tinha seu espaço, a sogra amava o David*”. Nesse momento falam, sobre os sonhos truncados, o antes e o depois, a desesperança que David se encarregou de manifestar como porta-palavra e porta-sintoma do sofrimento familiar.

No trabalho com grupos de adolescentes e crianças definimos uma escuta grupal com sessões semanais, com duração de quatro meses, acompanhando o período escolar e as férias das instituições envolvidas (CIM e as universidades envolvidas). O acolhimento grupal é sustentado por uma clínica que valoriza a escuta psicanalítica que busca estimular os processos associativos, reflexivos e o questionamentos surgido no encontro transfero-contratransferencial e vincular. Os grupos de escuta se propõem acolher as crianças num espaço lúdico, de encontro com um coordenador-terapeuta que intermedia o encontro consigo mesmo, com o outro, e com os outros. São grupos homogêneos, quanto ao pertencimento como são filhos de imigrantes ou crianças que imigraram e que se encontram em situações de vulnerabilidade psico-sócio-afetiva e, heterogêneos, quanto as diversas características de personalidade.

Sabemos que a imigração das famílias é decorrente de situações dolorosas, socioeconômicas, políticas e, em geral, os pais, os responsáveis pelo cuidado das crianças estão muito empenhados em direcionar esforços a garantir o sustento da família, com cargas de horário de trabalho que as impede, muitas vezes, de olhar e escutar os filhos. Em algumas consultas

terapêuticas com mulheres pudemos escutar, a maneira como os donos das oficinas impedia que as mães estivessem com os filhos pequenos, sendo estes deixados em frente a uma televisão ou uma rádio, quando não presos a uma cama. Os grupos de escuta são um espaço para acolher o vivido, as vivências atuais de discriminação racial (origem andina), o sentimento de não pertencimento, a dor por aquilo que os pais deixaram e anelam. A maneira como a partida aconteceu determina muito do sofrimento ou adaptação ao novo espaço, as possibilidades de dar continuidade a um projeto de vida são fundamentais e os filhos mesmo que não sejam imigrantes sentem e sofrem aquilo que lhes é transmitido com ou sem palavras, nos silêncios, nos gestos, ou mesmo com as histórias silenciadas pelos pais.

Com os grupos de crianças é estabelecida uma agenda de sessões que acontecem uma vez por semana, com uma duração de uma hora e quinze minutos. A sala para o atendimento que a Instituição oferece é destinada para os grupos de escuta, ela é espaçosa conta com muita luminosidade, uma louça, cadeiras. Cada grupo tem uma caixa lúdica com materiais não estruturados, como: cola, canetas, giz de cera, massinha, retalhos, tesouras, cola, papéis coloridos, revistas, livros de contos infantis, entre outros. Dentro da caixa lúdica é colocado para cada criança uma pasta pessoal, com o nome de cada uma, o que permite que cada uma guarde seus desenhos ou produções individuais. Esse dispositivo da caixa lúdica e as pastas individuais marca que no grupo buscamos acolher o singular de cada um e o plural ou coletivo, os espaços do mundo interno intrapsíquico, o intersubjetivo e o grupal produzido no encontro com o outro (s) de acordo (s) de acordo com o postulado por Kaës (2015).

Definimos o trabalho com os grupos de crianças, como grupos de escuta, no Brasil tem se tornado muito comum, a denominação de “*roda de conversa*”, a uma série de atividades grupais envolvendo pessoas reunidas ao redor de um tema, sem, necessariamente, priorizar a palavra dos participantes. A nossa abordagem grupal, com o uso de mediadores terapêuticos é sustentado por uma escuta psicanalítica, atenção aos processos transfero-contratransferenciais, as cadeias associativas grupais, com suas variantes de cadeias associativas de palavra para palavra, de desenho para desenho, de desenho para história, de gesto para o desenvolvimento de uma dramatização, de história contada, para história produzida conjuntamente. Nessa produção de sentidos, os terapeutas buscam encadeamentos, compartilhamentos e atenção aos sentidos encontrados por cada um, pelo encontro intersubjetivo com o outro (s), e a produção dos conteúdos grupais. Em uma roda de conversa, a escuta não é necessariamente psicanalítica e a direção ou condução da mesma não é a própria de com enquadre psicanalítico.

Os grupos de escuta se propõem a oferecer através do uso de alguns mediadores terapêuticos (pictograma grupal, contos, dramatização, jogos) o acolhimento das questões que inquietam as crianças. Muitas vezes é o que elas vivem diariamente como, discriminação racial na escola, a violência de algum membro da família, ou as vivências de desvalorização pela condição de serem diferentes. As falas delas vão se entrelaçando entre o que um diz e o outro entrediz ou desenha, ou pintar, ou dramatizar. Em um dos grupos, após algumas sessões resolveram dramatizar uma situação envolvendo um pai que abusava das crianças, as maltratava, e em três atos, eles apresentaram o problema, e finalizaram com o julgamento do pai, e a punição por ele maltratar as crianças. Essas cenas, sem necessidade de serem interpretadas, mostraram o universo íntimo, compartilhado por eles e a maneira como eles gostariam de lidar com a violência familiar, bastante comum nessa comunidade. Visitar o bairro, as ruas com pessoas, muitas vezes vestidas como nos andes peruanos ou bolivianos é muito importante. Entre os aspectos observados, destacam-se, a venda de comidas típicas, e outros itens que remontam

costumes centenários como o uso do “látigo” para punir os filhos (exposto em uma das lojas de produtos típicos).

Nos grupos de escuta, é comum que quando alguma criança recém chegada que só fala espanhol algumas crianças ajudem e se ofereçam como “tradutores-interpretres”, permitindo que a criança recém chegada sintam-se acolhida pelos colegas de grupo.

Um aspecto enriquecedor tem sido a presença de terapeutas-estagiários que falam castelhano, pois as crianças, além de surpreendidas, parecem sentir que nesse espaço de escuta, a língua de origem dos pais é aceita e não rejeitada. Nos grupos de escuta valorizamos que eles se sintam acolhidos, escutados, compreendidos, quando na maioria dos espaços se sentem discriminados por serem diferentes. Negar a origem pode ser uma maneira de buscar aprovação e negar a estrangeiridade.

Nessas consultas terapêuticas grupais, o terapeuta brinca ao falar em castelhano, mostra suas dificuldades em pronunciar, encontrar palavras, e isso o permite entrar no jogo de “não saber falar”, de “falar diferente”, o que favorece o reconhecimento da alteridade, da “outredade” e perceber que o outro, o semelhante, é simultaneamente diferente.

### **Considerações finais:**

Os grupos de escuta têm permitido verificar que as crianças, os coordenadores de grupo e a pesquisadora se beneficiam com a experiência. O acolhimento institucional e as parcerias entre as universidades parceiras, o grupo Veredas e o CIM têm mostrado um reconhecimento, devido ao enriquecimento de trabalhar com imigrantes, grupos e mediadores terapêuticos.

Observamos mudanças nas crianças que passaram a ter uma comunicação mais direta, aceitaram as propostas dos coordenadores e aderiam ao uso dos mediadores terapêuticos, criando e desenvolvendo elas mesmas outras maneiras de brincar e se comunicar, como quando inventaram a peça de teatro. As brincadeiras, os contos e as dramatizações produzidos mostram que os mediadores terapêuticos utilizados nos grupos de escuta favorecem possibilidades de simbolização e apropriação subjetiva. Das brincadeiras individuais, jogos paralelos passam a brincar juntos grupalmente. De brincadeiras estereotipadas masculinas ou femininas passam a brincar com diversos papéis, integrando ambos gêneros. A experiência grupal abriu um espaço transicional permitindo-os se tornarem criativos.

### **Referências**

- Brun, A. (2009). *Mediaciones terapéuticas y psicosis infantil*. Madrid, España: Herder.
- Brun, A. (2010). *Les médiation thérapeutiques*. Le Carnet PSY, 1(141), 24-27. Doi : <https://doi.org/10.3917/lcp.141.0024>
- Brun, A. Chouvier, B & Roussillon (2013) *Manuel des médiations thérapeutiques*, Paris: Dunod.
- Kachinovsky, A. (2016) El cuento infantil como objeto intermediario para el psiquismo, *Investigaciones en Psicología*, UBA, 2016.
- Kaës, R. (1984) « Etayage et Structuration du Psychisme » *Connexions*, N° 44, 1984.
- Kaës, R. (1999), Apuntalamiento y Estructuración del Psiquismo, *Revista de la Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo*. Tomo XIV N° 3-4 y XV N° 2, Buenos Aires, 1999.

- Kaës, R. (1991). La cuestión psicoanalítica de la regla fundamental y del proceso asociativo en los grupos. *Revue de Psychoterapie Psychanalytique de Groupe*, 17.
- Kaës, R. (2008). Procesos asociativos e interdiscursividad en los grupos. Subjetividad y Procesos Cognitivos, 12, 73-94. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/3396/339630251005.pdf>
- Milner, M. (1969), *The Hands of the Living God*. New York, International Universities Press.
- Pezo del Pino, M. A. (2009) Do squiggle da consulta terapêutica ao desenho coletivo na intervenção institucional. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Pezo del Pino, M. A. (2014) A cadeia associativa grupal e o pictograma grupal. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Pezo del Pino, M. A. (2015). Do *squiggle game* ao pictograma grupal: a especificidade das cadeias associativas grupais. *Jornal de Psicanálise*, 48(88), 131-142.
- Rosa, M. D. (2016). A Clínica Psicanalítica em Face da Dimensão Sociopolítica do Sofrimento. São Paulo: Ed. Escuta.
- Rosa, M. D. (2023). Imigrés et réfugiés : déplacements subjectifs et territoriaux à l'interface entre désir et politique. *Recherches en psychanalyse* (online), v. 34, p. 9-28.
- Roussillon, R. (2005). La « conversation » psychanalytique : un divan en latence. *Revue française de psychanalyse*, 69 (2), 365-381. Doi : <https://doi.org/10.3917/rfp.692.0365>
- Roussillon, (2010), “Transferência Paradoxal e Modificações Técnicas”. *Jornal da Psicanálise* 43 (78), 13-18.
- Winnicott, D. (1953/1979) La tolerancia de síntomas en pediatría, Historia de un caso, en *Escritos de Pediatría y psicoanálisis*, Barcelona: Editorial Laia.
- Winnicott, D.W. (1958/1979), *Escritos de pediatría y psicoanálisis*, Barcelona: Editorial Laia.
- Winnicott, D.W. (1971/1984), *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*, Porto Alegre: Imago.

**Revisão Gramatical:** Cristiane Tavares Casimiro de Oliveira

**E-mail-** [cristedoliveira@gmail.com](mailto:cristedoliveira@gmail.com)

Recebido em março de 2024 – Aceito em novembro de 2024.